

O apagamento histórico da atleta Irenice Maria Rodrigues durante a ditadura militar no Brasil¹

Pedro Henrique Magalhães Mendonça²
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Este estudo analisa o documentário *Procura-se Irenice*, que aborda a trajetória de Irenice Maria Rodrigues, uma mulher negra atleta que se destacou durante a ditadura militar no Brasil. Sua voz foi silenciada e sua carreira foi interrompida devido à perseguição política e ao racismo estrutural, resultando em seu desligamento da delegação brasileira de atletismo. Esse episódio evidencia o boicote e a discriminação enfrentados por atletas negros na época. A análise sob a ótica da poética da entrevista documental revela a complexidade narrativa por trás deste caso de apagamento histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; documentário; ditadura; apagamento; interseccionalidade.

A CORRIDA CONTRA O ESQUECIMENTO

O caso de Irenice Maria Rodrigues, uma atleta negra que desafiou o sistema esportivo e político do Brasil durante a ditadura militar, é um exemplo marcante das relações entre racismo, machismo e autoritarismo que permearam aquele período sombrio da história brasileira.

Irenice enfrentou inúmeras barreiras por ser mulher, negra e pobre, características que a tornavam alvo de uma sociedade profundamente discriminatória. Sua trajetória como atleta de destaque no atletismo confrontou diretamente as estruturas de poder vigentes, que viam com desconfiança e hostilidade o protagonismo de uma mulher negra em uma modalidade esportiva historicamente dominada por homens.

Ao desafiar as proibições impostas às mulheres no esporte, como a participação em provas consideradas "inadequadas" para seu corpo, Irenice demonstrou uma coragem que, mais tarde, lhe custou abandonar seu sonho. Sua luta não se limitou apenas às pistas de corrida, mas se estendeu aos espaços de organização política, onde liderou greves e denunciou as condições precárias de trabalho enfrentadas pelos atletas.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação antirracista, pensamento afrodiaspórico e interseccionalidades, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Doutorando em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG), na linha de pesquisa Textualidades Midiáticas. E-mail: pedrodimendonca@gmail.com.

Mesmo obtendo excelentes resultados e se tornando recordista brasileira dos 400 e 800 metros em 1967, a atleta enfrentou o risco de ser proibida de competir nos Jogos Pan-Americanos de 1967, em Winnipeg, no Canadá. Naquela época, a prova dos 800 metros era considerada demasiadamente desgastante para o corpo da mulher. Apesar das adversidades, Irenice integrou um movimento de protesto contra o autoritarismo do Conselho Nacional de Desportos e conseguiu ser inscrita no Pan.

A resistência de Irenice incomodou especialmente os setores ligados ao regime ditatorial, que viam na imagem de uma mulher negra forte e independente uma ameaça aos seus interesses de manutenção do sistema. A atleta foi alvo de perseguições, discriminação e tentativas bem-sucedidas de silenciamento, que culminaram em sua exclusão da delegação brasileira nos Jogos Olímpicos de 1968, na Cidade do México, após ser acusada de indisciplina e agressão durante uma briga com a colega Maria da Conceição Cipriano.

O tratamento dispensado a Irenice ao longo de sua vida e após sua morte, em 1981, em um suposto acidente de motocicleta, episódio não devidamente esclarecido à família, reflete a violência estrutural do racismo e do machismo na sociedade brasileira. O legado de Irenice foi sistematicamente apagado e sua história relegada ao esquecimento, em um processo de invisibilização que é comum na narrativa histórica do país: o memoricídio³.

O resgate recente da trajetória da atleta por parte das pesquisadoras Kátia Rúbio (USP) e Cláudia Farias (Unesa), além da produção do documentário *Procura-se Irenice*⁴, são passos importantes na busca por reconhecer e valorizar as contribuições das mulheres negras para a história e a cultura brasileiras.

O documentário⁵ tornou-se uma peça fundamental na exposição da história de Irenice, uma atleta cuja narrativa estava envolta em silenciamento e esquecimento, sendo uma história que permaneceu desconhecida até que essa produção fosse lançada. A

³ O termo "memoricídio" se refere à destruição da memória, sendo entendido como um "assassinato da memória". Esta prática consiste na eliminação de todo o patrimônio, tanto tangível quanto intangível, que representa a resistência a partir do passado (BÁEZ, 2010, p. 288).

⁴ PROCURA-SE Irenice; Direção: Marco Escrivão e Thiago B. Mendonça. Produção: Renata Jardim, Laura Calasans, Alex Rocha, Pedro Russo, Otávio Paranhos e Cláudia Maria de Farias. Brasil: Memória Viva, 2016. 1 DVD. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LpwIOSSQtPE>. Acesso em: 25 mar 2024.

⁵ Artigo da jornalista Eliana Alves Cruz para o *UOL* discute sobre o memoricídio de Irenice. Leia em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/eliana-alves-cruz/2021/03/09/pioneiras-nao-vistas-pela-multidao-irenice-maria-rodrigues.htm>.

metodologia proposta pelo pesquisador Leger Grindon (2007), que estabelece uma abordagem poética da entrevista documental, é usada neste estudo para compreensão dos princípios essenciais da entrevista dentro da tradição do gênero e, com base nessa contextualização inicial, desenvolve cinco categorias de análise: perspectiva, presença, performance, contexto pictórico e polivalência. Vislumbra-se entender de que maneira as entrevistas exibidas no documentário ajudam a contextualizar o apagamento histórico de Irenice.

RAÍZES DO APAGAMENTO

É preciso ressaltar que o memoricídio de Irenice não é um caso isolado. O apagamento histórico do povo negro brasileiro é um fenômeno que se estende por séculos e está profundamente enraizado nas estruturas sociais, culturais e políticas do país. Conforme Munanga (2004), o racismo pode ser compreendido como uma "ideologia essencialista" que fragmenta e classifica a sociedade, estabelecendo hierarquias com base na relação entre características físicas e morais. O racista considera a raça como uma construção sociológica, não apenas um grupo com características fenotípicas distintas. É essa percepção racista que tornou Irenice alvo durante a ditadura, resultando em seu desligamento da delegação brasileira de atletismo. Existe um viés que naturaliza a representação do negro como uma figura intrinsecamente perigosa.

Mesmo após a abolição da escravidão em 1888, o povo negro continuou a enfrentar discriminação, marginalização e violência institucionalizada. As políticas públicas discriminatórias, como a segregação racial e o racismo estrutural, perpetuaram a exclusão social e econômica da população negra, limitando suas oportunidades de acesso à educação, emprego, saúde e moradia digna.

Além disso, a narrativa oficial da história brasileira muitas vezes omitiu ou distorceu os feitos e as lutas do povo negro, construindo aspectos positivos da miscigenação racial e promovendo uma ideia de harmonia racial que mascara as profundas desigualdades existentes na sociedade.

A interseção entre raça, classe e gênero é complexa, conforme argumenta Collins (2015), dado que a noção de raça está profundamente enraizada em relações sociais, estruturas e representações culturais. Ao examinar a interligação desses marcadores sociais, é possível compreender as diversas formas de desigualdade que permeiam a

sociedade, como evidenciado no caso de Irenice, exemplificando as raízes do apagamento histórico de uma atleta boicotada pela ditadura.

Durante o período da ditadura militar no Brasil, que se estendeu de 1964 a 1985, o terror e a opressão foram amplamente disseminados, afetando diversos setores da sociedade, incluindo a população negra. O regime militar instaurou um estado de repressão e violência, marcado por censura, perseguição política, tortura, desaparecimentos e mortes de opositores políticos. Para os negros, esse período foi marcado não apenas pela repressão política, mas também pela perpetuação das desigualdades sociais e raciais já existentes. O apagamento de Irenice é uma prova disso.

As consequências de desafiar o sistema foram severas para a atleta. Irenice enfrentou boicotes principalmente por ser uma mulher negra que não se calava, contudo, essa era uma batalha já decidida, pois há um contrato racial que sobrepõe as relações. Maria Aparecida Silva Bento (2002) conceitua um acordo entre indivíduos brancos como um "pacto narcísico", caracterizado pela negação e evitação de problemas, visando preservar privilégios raciais. O receio de perder tais privilégios e de ser responsabilizado pelas desigualdades raciais constitui a base psicológica desse pacto, resultando na projeção de estereótipos negativos por parte dos brancos em relação aos negros. Esse pacto funciona como um apoio silencioso e reforçador entre pessoas semelhantes, visando manter e proteger seus privilégios e interesses (Bento, 2002).

Esta é a estratégia do racismo colonial, conforme sugerido por Fanon (2008), onde o homem branco se posiciona dentro de um complexo de autoridade socialmente atribuído. Nesse contexto, os negros são relegados ao papel de subalternidade e subserviência, algo que Irenice, bravamente, não respeitou.

PROCURA-SE IRENICE

Explorando os elementos fundamentais da entrevista documental, a análise de *Procura-se Irenice* revela a complexidade poética e narrativa por trás da busca pela história silenciada da atleta. A primeira categoria proposta por Grindon (2007) aborda a “presença” do cineasta durante as entrevistas, investigando sua postura, visibilidade, comportamento e grau de participação nas cenas. Os diretores e membros da equipe de produção são ocasionalmente mostrados em algumas cenas, sobrepondo-se às falas dos entrevistados. No entanto, não há indícios de uma interação direta de perguntas e respostas, resultando em entrevistados que se dirigem diretamente à câmera.

A perspectiva poética de Grindon (2007) sobre as entrevistas, mesmo sem uma relação dialógica explícita, ainda se faz presente, caracterizando os depoimentos como genuínos e significativos na narrativa sobre a experiência de Irenice com o racismo e as violências enfrentadas ao longo de sua vida.

A segunda categoria proposta por Grindon (2007), denominada "perspectiva", aborda as configurações e posicionamentos da câmera durante as entrevistas. Isso inclui os tipos de planos utilizados, os enquadramentos, a iluminação, entre outros aspectos. Em *Procura-se Irenice*, são empregados o plano aberto, o plano médio e o plano fechado. A escolha dos planos contribuiu para uma estética visual no documentário, desempenhando ainda um papel crucial na aproximação dos entrevistados com o espectador. Enquanto as personagens revelam informações sobre a vida de Irenice, o uso dos planos médios, abertos e fechados permite que o público se sinta mais conectado e envolvido com suas histórias. Dessa forma, o espectador se percebe como parte de um processo coletivo de resgate da história da atleta, compartilhando o objetivo comum de “encontrar” Irenice.

O “contexto pictórico” refere-se às imagens independentes que podem complementar ou contrastar com o testemunho verbal do entrevistado (Grindon, 2007). No documentário *Procura-se Irenice*, há uma mescla de ficção e entrevista, onde uma atriz negra interpreta e performa durante as falas dos personagens entrevistados, como familiares, amigos, ex-atletas e pesquisadoras que compartilham seus relatos sobre Irenice. Essas falas são intercaladas com cenas da ditadura, da performance da atriz e de exibição de notícias da época sobre Irenice. Esses recursos ajudam não só a compreender quem foi Irenice, mas também a situá-la como uma mulher negra e pobre, uma vítima do sistema e da ditadura, boicotada por sua identidade, e cujo sonho foi interrompido.

A “performance”, como quarta categoria proposta por Grindon (2007), ressalta que, além das palavras, a expressão facial, os gestos das mãos, a linguagem corporal e o vestuário também desempenham um papel significativo na caracterização do entrevistado e contribuem para a singularidade de cada entrevista. No documentário em questão, observa-se uma variedade de performances por parte dos entrevistados, destacando-se as diferenças entre eles, como a postura mais introspectiva dos familiares de Irenice, enquanto as pesquisadoras entrevistadas, por exemplo, demonstram uma naturalidade maior diante das câmeras.

A última categoria da poética da entrevista proposta por Grindon (2007) é a “polivalência”, que se diferencia das outras quatro por não ser um aspecto do design da entrevista, mas sim resultado do conjunto fílmico, afetando os espectadores de forma geral. Os diretores de *Procura-se Irenice* oferecem uma ampla gama de sentimentos em relação aos relatos dos entrevistados. O fato de o documentário ser em preto e branco traduz a frieza dos tempos sombrios da ditadura militar no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário tem uma profunda relevância por ter contribuído para revelar a história de Irenice, uma mulher negra que foi silenciada pela ditadura e teve sua carreira como atleta propositalmente arruinada. Por décadas, a história de Irenice permaneceu apagada, só vindo à tona mais de 30 anos após seu falecimento.

Procura-se Irenice demonstra a importância da luta incessante do povo negro pela conquista de seus direitos e pela ocupação de espaços na sociedade. Além disso, incentivam uma reflexão por parte dos brancos sobre os privilégios advindos da branquitude, impulsionando a necessidade de mudanças em atitudes e comportamentos racistas. Embora seja uma tarefa desafiadora, dada a realidade estrutural do país, essa demanda permanece crucial e relevante (Mendonça, 2021).

REFERÊNCIAS

BÁEZ, Fernando. **A história da destruição cultural da América Latina**: da conquista à globalização. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. 390 p.

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

COLLINS, Patricia Hill. **Intersectionality's definitional dilemmas**. *Annual Review of Sociology*, 41. 2015, p 1-20. <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-073014-112142>.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

GRINDON, L. **Q&A: poetics of the documentary film interview**. *The Velvet Light Trap*, Austin, n. 60, p. 4-12, 2007. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/222334/summary>. Acesso em: 10 abr 2024.

MENDONÇA, Pedro Henrique M. **O assassinato de Beto Freitas no Carrefour**: racismo, genocídio e a construção do acontecimento jornalístico nos sites G1 e UOL. 2021. 181 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia**. Cadernos PENESB. Niterói; EdUFF, p.17-34, 2004.